

Atendimento especializado e multiprofissional a vítimas de violência sexual é realizado no NAVIS

O Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (NAVIS), que funciona junto ao Ambulatório de Moléstias Infecciosas do Hospital das Clínicas da FMUSP (HCFMUSP), oferece acolhimento e tratamento a vítimas de violência sexual. Ali trabalham médicos infectologistas, ginecologistas, psiquiatras e proctologistas, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais altamente treinados para identificar e encaminhar para tratamento adultos, adolescentes e crianças de ambos os sexos.

Segundo a Profa. Dra. Maria Ivete Boulos, médica responsável pelo NAVIS, a violência sexual tem uma face

explícita – com lesões, fraturas, queimaduras e hematomas – mas também se esconde por trás de grandes traumas que só se revelam depois de muito tempo, escondidos sob a vergonha e a culpa.

Nem sempre o caso é recente. Muitas vezes, a pessoa leva anos para tomar coragem e procurar ajuda, por isso todos são bem recebidos. Quando a violência ocorreu até 72 horas antes, porém, é possível ministrar uma série de medidas profiláticas contra doenças sexualmente transmissíveis e infecciosas. Conheça o trabalho do NAVIS na matéria central desta edição. **Págs 8 e 9.**

Equipe de humanização do ICESP organiza festas de aniversário para pacientes em tratamento

Depois de observar que muitos pacientes internados e em tratamento passavam o dia de seus aniversários no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP), a equipe de humanização decidiu promover uma comemoração especial de aniversário para cada um deles. A festa é sempre uma surpresa e uma satisfação não só para os pacientes, mas também para seus familiares. Bolo, balões e uma lembrança não podem faltar. **Págs 11.**

■ hcfmusp

“Várias vezes, fui convidado para exercer cargos burocráticos, mas sempre disse ‘não, eu quero ser médico’”

Conheça o Prof. Dr. João Gilberto Maksoud, professor emérito do Instituto da Criança do HCFMUSP, na pág. 15

A música como aliada na reabilitação de pacientes

Você sabia que muitas vezes uma pessoa que sofreu algum tipo de acidente e passou a ter dificuldades para se expressar pela fala consegue cantar perfeitamente? É o que explica o musicoterapeuta do Instituto Lucy Montoro, Renan Barreto de Souza. Ele é responsável pelo serviço de Musicoterapia aos pacientes da Unidade Morumbi, onde trabalha a questão funcional, o que envolve coordenação motora, manuseio dos instrumentos de acordo com as limitações dos pacientes e a área cognitiva. O canto, por sua vez, é utilizado como forma de ampliar o vocabulário do paciente, já que permite a expressão pela música para quem não pode falar. **Pág. 12**

NESTA EDIÇÃO

No Editorial, políticas públicas de saúde e participação dos municípios. **Pág. 2**

Conheça os direitos dos pacientes nos programas de práticas humanizadas. **Pág. 3**

Promoção da Saúde: políticas públicas saudáveis, intersectorialidade e municípios saudáveis

É ainda comum convivermos com arremedos de políticas públicas que, mesmo quando não são meras improvisações, exibem caráter fragmentário na sua formulação e implementação, dissociadas do contexto e com repercussões pouco favoráveis para a sociedade.

As políticas públicas voltadas para a questão da saúde não fogem dessa afirmação. Logo após a Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Ottawa (1986), surgiu na Europa o movimento dos municípios ou cidades saudáveis que, paulatinamente, espalhou-se pelos cinco continentes, alcançando, também, países da América Latina, inclusive o Brasil. Hoje, milhares de municípios no mundo seguem esta orientação teórica e prática, com resultados variados, mas com a determinação de aprimorá-la, na busca incessante de atuar sobre as condições de vida das populações.

A estratégia dos municípios saudáveis fundamenta-se em um novo conceito de saúde e de Estado e de seu papel perante a sociedade. A saúde é identificada com bem-estar e qualidade de vida e não, simplesmente, com ausência de doença (física). Deixa de ser um estado estático, biologicamente produzido, para ser um estado dinâmico, socialmente produzido.

Os muitos componentes da vida social que contribuem para uma vida com qualidade são fundamentais para que o indivíduo e a população alcancem um perfil elevado de saúde. Mais do que o acesso a serviços médico-assistenciais de qualidade, para prover saúde é necessário enfrentar os determinantes do processo saúde-enfermidade, em toda a sua amplitude, transformando-os em favor da saúde.

As intervenções visam não apenas

diminuir o risco de enfermidade (física, mental/emocional e social), mas aumentar as chances de saúde e de vida, por meio de intervenções intersectoriais sobre estes determinantes do processo saúde-enfermidade. Esta é a essência das políticas públicas saudáveis. Tendo na interdisciplinaridade o seu fundamento cognitivo e, na intersectorialidade, a sua ferramenta operacional, as políticas saudáveis, para não se limitarem a uma norma burocrática, devem suscitar ou partir de pactos horizontais com parceiros de outros setores governamentais.

Essa perspectiva global incorpora o maior número possível de conhecimentos sobre outras áreas de políticas públicas como, por exemplo, educação, trabalho e renda, meio ambiente, habitação, transporte, agricultura, etc., bem como sobre os contextos social, econômico, político, geográfico e cultural no qual atua a política. A nova concepção de Estado subjacente à proposta das políticas públicas saudáveis é aquela que reestabelece a centralidade de seu caráter público e de sua responsabilidade social, isto é, seu compromisso com o interesse público e com o bem comum. Implica no esforço (desenho institucional) de superar déficits de eficiência/eficácia (capacidade de fazer o que deve ser feito) e déficits de representatividade/sensibilidade (capacidade de definir o que precisa ser feito), segundo o interesse e as necessidades da sociedade.

Nesse contexto, é possível superar a ideia de políticas públicas como iniciativas exclusivas do aparelho estatal: serão sempre fruto de interlocução e pactuação entre setores sociais. Forjar um Estado que opere a lógica da ação pública intersectorial pressupõe implementar uma nova institu-

cionalidade social entendida como o conjunto de organismos estatais encarregados do desenho, da coordenação, da execução e do financiamento das políticas públicas sociais, inclusive a da saúde.

Essa nova institucionalidade pública e estatal depende da configuração de uma autoridade social ou do conjunto dos responsáveis pelas políticas sociais que coordene as políticas intersectoriais ou outros arranjos institucionais, em torno de planos de desenvolvimento. A autoridade social deve ter posição de mesmo nível na estrutura de poder que as autoridades econômicas, com função de planejamento e execução claramente definidos, além dos recursos financeiros garantidos na partição orçamentária. A coordenação social busca articular programas sociais dispersos entre instituições responsáveis pelos diversos âmbitos da política social. Por fim, vale reafirmar a participação consciente da população na formulação, execução e acompanhamento do projeto. O empoderamento da população organizada por meio da difusão ampla das evidências das relações entre a saúde e seus pré-requisitos, assim como da construção de mecanismos de atuação eficiente, é central na estratégia da Promoção da Saúde para a reivindicação de políticas públicas saudáveis.

O movimento dos municípios saudáveis não é utópico – é realizável, como demonstram experiências pelo mundo afora. Seus fundamentos teóricos são sólidos. E sua prática se constrói permanentemente, em função da conscientização gradual de governantes e da população.

Prof. Dr. Yassuhiko Okay

*Professor Emérito da FMUSP
Vice-Diretor Geral da FFM*

EXPEDIENTE

Jornal da FFM

Publicação bimestral da Fundação Faculdade de Medicina www.ffm.br
Av. Rebouças, 381 - 4º andar
CEP 05401-000 São Paulo, SP
Tel. (11) 3016-4948
Fax (11) 3016-4953
E-mail contato@ffm.br

Conselho Editorial

Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Prof. Dr. Yassuhiko Okay
Angela Porchat Forbes
Arcênio Rodrigues da Silva

Os artigos assinados publicados neste informativo não refletem necessariamente a opinião da Fundação Faculdade de Medicina e são da responsabilidade de seus autores. Cartas e sugestões para o Jornal da FFM devem ser enviados para ggpp@ffm.br

Expediente

Diretor Responsável
Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Jornalista Responsável
Lizandra Magon de Almeida (MTB 23.006)
Tiragem: 4.600 exemplares

Edição

Pólen Editorial
(11) 3675-6077
polen@poleneditorial.com.br

Transformando os direitos dos pacientes em práticas humanizadas

Em 2014, o Instituto de Medicina Física e Reabilitação (IMREA) do HC-FMUSP implementou o processo “Direito das Pessoas Servidas” em todas as suas unidades, com o objetivo de divulgar e disseminar os direitos dos pacientes. O Instituto historicamente atuou e atua no sentido de preservar e difundir os direitos e deveres de cidadania, como preceitos humanísticos e inerentes ao processo de reabilitação de pessoas com deficiência.

Integrado ao processo de Acreditação CAREF, conquistada em 2014 pelo IMREA, as ações estão alicerçadas na missão, na visão e nos valores do Instituto e foram desenvolvidas com base no princípio da Humanização de que é preciso entender cada pessoa em sua singularidade e reconhecer suas necessidades específicas, a fim de criar condições para que ela exerça sua vontade de forma autônoma.

A essência do processo é possibilitar a transformação do comportamento dos colaboradores e prestadores de serviços, propiciando a prática dos conceitos de humanização por meio de conduta ética, de acolhimento do novo, desconhecido e diferente, de respeito aos pacientes, cuidadores e familiares, entendidos não apenas como usuários de serviços de saúde, mas, acima de tudo, como cidadãos plenos de direitos.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do processo foi a realização de pesquisa de materiais produzidos e disponibilizados nos meios de comunicação existentes e a releitura de fontes norteadoras para a elaboração das ações, tais como a Política Nacional de Humanização, o Estatuto da Pessoa com Deficiência e a Lei nº 10.294/99,

que dispõe sobre proteção e defesa do usuário do serviço público do Estado de São Paulo. Com o ponto de partida definido, iniciou-se a organização do trabalho realizado em três etapas: elaboração de conteúdo, revisão e padronização de documentos, e divulgação do material produzido.

A construção do texto “Direitos e

cuidadores e familiares, a abordagem foi realizada por meio do Grupo de Acolhimento, momento em que é apresentado o Instituto e entregue uma bolsa contendo Manual do Paciente, quadro de horário das terapias, pasta de acompanhamento terapêutico, termo de responsabilidade e folder da Ouvidoria. Trata-se de um processo grupal com técnicas específicas de comunicação, sensibilização, informações e orientações, com trocas de experiências e reflexões, conduzido pelo Serviço Social e Enfermagem.

As gestoras do processo “Direitos das Pessoas Servidas” entendem que a aplicabilidade do conteúdo dos “Direitos dos Pacientes” na rotina de trabalho somente é possível quando se entende e se acelera o processo de aprendizado organizacional, conseguido por meio do acesso e incentivo do pensamento e de ações integradoras de todos os profissionais.

O trabalho de sistematização dos processos institucionais, que garante os direitos dos pacientes e a disseminação entre todos os colaboradores, significou um importante momento de aprendi-

zido na busca de aprimoramento, aprofundamento e de ampliação sobre a cultura e a política humanística aplicada à assistência, ao ensino e à pesquisa do IMREA.

Direitos dos Pacientes

Você conhece os direitos das pessoas servidas?
É muito importante que todos saibam seus direitos e garantam que eles sejam respeitados

<p>1</p>  <p>Ser chamado pelo seu nome e atendido com amabilidade</p>	<p>2</p>  <p>Receber tratamento digno e respeitoso em um ambiente seguro, adequado e limpo</p>	<p>3</p>  <p>Ter acesso às informações completas sobre seu estado de saúde, tratamento e prognóstico de forma clara e compreensível</p>
<p>4</p>  <p>Ter privacidade e confidencialidade de qualquer informação sobre seu tratamento</p>	<p>5</p>  <p>Não ser gravado nem fotografado para fins de divulgação sem sua permissão</p>	<p>6</p>  <p>Formular uma reclamação quando seus direitos forem lesados ou quando não receber atenção digna e adequada</p>

Responsabilidades dos Pacientes” foi a matriz do processo, cujo conteúdo foi reproduzido no Manual do Paciente, no Manual do Colaborador e no site Institucional. Seus pontos principais foram divulgados em outros meios de comunicação, como o informativo do IMREA, banners, murais e desktop.

A disseminação para os colaboradores consistiu em palestras simultâneas em todas as unidades do Instituto, ministradas e coordenadas pelo Serviço Social – ocasião em que foi entregue o folder “Direitos e Responsabilidades dos Pacientes”. Para os usuários, pacientes,

Texto criado pelo Grupo de Trabalho de Humanização, formado por:

Dra. Arlete Camargo de Melo Salimene
Dra. Ana Virgínia Santiago Araujo
Júnia Galvão Ammirati
Liliane da Silva

HCFMUSP e Hospital Albert Einstein assinam Termo de Cooperação Científica e Didática

No último dia 16 de fevereiro, representantes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HCFMUSP) e da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein se reuniram na FMUSP para a assinatura de um Termo de Cooperação Científica e Didática, que tem como objetivo desenvolver ações de pesquisa científica e ensino entre as duas Instituições.

O Termo estabelece um programa de colaboração para os próximos cinco anos, que pode ser renovado para um novo período. A assinatura do acordo ocorreu durante a 3046ª reunião do Conselho Deliberativo do HCFMUSP.

Estiveram presentes à solenidade de assinatura o Presidente do Conselho Deliberativo do HCFMUSP, Prof. Dr. José Otávio Costa Auler Júnior; a Diretora



Os representantes do HCFMUSP e do Hospital Albert Einstein, na reunião do Conselho Deliberativo em que foi assinado o Termo

Clínica, Profa. Dra. Eloísa de Oliveira Bonfá; demais membros do Conselho Deliberativo e dirigentes da Instituição.

O documento foi assinado pelo Superintendente do Hospital das Clínicas

da FMUSP, Engenheiro Antonio José Rodrigues Pereira, e pelo Presidente do Hospital Albert Einstein, Dr. Claudio Luiz Lottenberg.

A parceria tem o objetivo de formar e reunir uma nova geração de pesquisadores, desenvolvendo tecnologias interativas para a educação e inclu-

são social das comunidades. Em 2016, o Hospital Albert Einstein inaugurou sua própria Faculdade de Medicina e o acordo deve beneficiar ambas as partes.

Prof. Dr. Irineu Velasco recebe título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Sergipe

O Prof. Dr. Irineu Tadeu Velasco, titular da Disciplina de Emergências Clínicas, do Departamento de Clínica Médica da FMUSP e diretor do Serviço de Emergências Clínicas do Instituto Central do HCFMUSP (ICHC), recebeu em dezembro o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Sergipe por sua contribuição fundamental à evolução mundial das ciências.

“A descoberta do Prof. Dr. Irineu sobre a utilização de solução hipertônica para o tratamento de choque séptico e seus benefícios em diversos estudos clínicos, melhorando a sobrevivência de pacientes com condição grave, além de seu apoio à Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFS, o credenciam ao título”, afirma a relatora do processo e professora do Depto.

de Medicina, Amélia Maria Ribeiro de Jesus. Sempre em evolução, o procedimento agora vem sendo aplicado no tratamento de choque séptico, segundo o professor.

Para o Prof. Dr. Irineu, o título representa um rito de adoção pela UFS. “Temos uma

convivência de alguns anos, mas agora me sinto verdadeiramente adotado. Todas as minhas contribuições foram pelo prazer de servir a sociedade. Minha vida é pautada por uma frase bíblica que



No centro, o Prof. Dr. Irineu Tadeu Velasco com a homenagem da Universidade Federal de Sergipe

diz: ‘Meu coração está onde está minha fortuna’ – e a minha fortuna é a prática médica, com ética e humanismo, e a pesquisa, visando a descoberta de novas tecnologias aplicáveis à medicina”.

Departamento de Dermatologia comemora os 100 anos de sua aula inaugural

Seminário dá início à Jornada Comemorativa, que prossegue com o lançamento de dois livros que vão contar a história dos 100 anos, além da exposição “Além da Pele”.

No dia 26 de fevereiro, um grupo de especialistas ligados ao Departamento de Dermatologia se reuniu no Teatro da FMUSP para dar início às festividades que marcam os 100 anos de sua aula inaugural.

A plenária lotada reforçou a importância da data para a classe médica, que contou com convidados de peso para expor passagens relevantes desses 100 anos de história. Entre eles, os moderadores, Prof. Dr. Cyro Festa Neto e o Prof. Dr. José Antonio Sanches Jr., que abriram oficialmente a temporada comemorativa. “Cada convidado vai nos trazer flashes da história do Departamento, nos mostrando de onde viemos, onde estamos e para onde vamos”, disse o Prof. Dr. José Antonio Sanches Jr., dando início aos trabalhos. Já o Prof. Dr. Cyro Festa Neto fez questão de homenagear o Prof. Dr. Adolpho Carlos Lindemberg – primeiro professor da cátedra de Dermatologia, que ministrou a primeira aula para os alunos do 4º ano da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. “Tenho grande orgulho de fazer parte dessa história. Hoje, nosso ensino é copiado nas outras universidades e nossa residência é muito forte”, destacou.

As palestras contaram com diferentes abordagens, iniciando com um breve histórico do Departamento de Dermatologia (Prof. Dr. Evandro A. Rivitti), seguido de “Graduação” (Profa. Dra. Celine W. Maruta), “Pós-Graduação *Strictu Sensu*” (Prof. Dr. José Antonio Sanches Jr.), “Pós-Graduação *Lato Sensu*” (Profa. Dra. Claudia Giuli Santi), “Extensão” (Prof. Dr. Cyro Festa Neto), “Internacionalização” (Profa. Dra. Valéria Aoki), “LIM53 (Prof. Dr. José Eduardo C. Martins), “LIM56” (Prof. Dr. Alberto J. S. Duarte), “A Formação dos Grupos: Anos



O Prof. Dr. Cyro Festa Neto (à dir.) ao lado do grupo de professores da Dermatologia que participou da comemoração.

70-80” (Prof. Dr. Evandro Rivitti), “Dermatologia” (Profa. Dra. Mirian N. Sotto), “Anos 90-2000” (Prof. Dr. José Antonio Sanches Jr.), e “A Evolução da Cosmiatria” (Prof. Dr. Luiz Carlos Cucê), As palavras da Profa. Dra. Valéria Aoki resumem o objetivo deste encontro: “É preciso conhecer o passado, entender o presente e projetar o futuro”, disse.

A Jornada Comemorativa prossegue com a publicação de dois livros, um que vai contar a história dos 100 anos e outro com 100 casos clínicos, com lançamento previsto para este ano. E a exposição

itinerante “Além da Pele: A Beleza da Alma e da Família” prossegue em 2016 – no ano passado percorreu os principais aeroportos do país e sua itinerância pode ser acompanhada pelo site <www.ibagen.org.br>.

Encerrando este encontro, foi projetado o filme *Além da Pele*, que fala sobre o isolamento psíquico, psicológico e emocional sofrido pelos portadores de genodermatoses, e propõe ao público refletir sobre problemas sérios que geram muitos preconceitos. Assista, acessando o link <<https://vimeo.com/155434587>>.

InCor promove edição de 2016 do simpósio “Na Fronteira do Conhecimento”

Compartilhar a excelência e inovação do conhecimento nas áreas da Cardiologia, Pneumologia, Cirurgia Cardiovascular, Cirurgia Torácica e Especialidades Multiprofissionais afins, é o objetivo da segunda edição do evento “InCor 2016 – Na Fronteira do Conhecimento. Formando Pessoas e Produzindo Ciência”.

O evento acontece nos dias 11 e 12 de março de 2016, no Centro de Convenções Rebouças, abordando principalmente os temas Cardiologia, Pneumologia, Ci-



rurgia Cardiovascular e Cirurgia Torácica.

Realizado anualmente, o evento contou com a presença de cerca de 1,9 mil pessoas em 2015. Para 2016, os organizadores pretendem proporcionar a médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas e psicólogos, do InCor e de outras instituições, o entendimento dos principais temas relacionados às mais avançadas e pioneiras práticas assistenciais nas áreas de atuação do Instituto, voltado especialmente para a área de Cardiologia.

Ambulatório dobra a capacidade de atendimento a pacientes com câncer de pele

A partir de fevereiro, o Ambulatório de Terapia Fotodinâmica (ATF) do HCFMUSP viu sua capacidade de atendimento ser dobrada com a chegada de novos equipamentos e mudanças em sua estrutura física. De 80 atendimentos realizados por mês, anteriormente, agora é possível atender até 160 pacientes, especialmente aqueles com lesões pré-cancerosas ou tipos menos agressivos de câncer, que são os mais frequentes na população.

Com investimentos de R\$ 100 mil, doados pela iniciativa privada, o ATF recebeu novos equipamentos de ponta e passou por adaptações de espaço e mobília, que permitem a comunicação

entre as salas e uma maior agilidade nos estudos.

A terapia fotodinâmica – foco do ambulatório – é indicada no tratamento de queratoses actínicas, carcinoma basocelular superficial e carcinoma espinocelular *in situ*, sendo considerada um dos procedimentos mais avançados e sofisticados no tratamento dessas lesões. Não é feito corte e, conforme o caso, não há cicatriz, mesmo com o tratamento em áreas mais amplas – que é feito em uma ou duas sessões.

O HCFMUSP é um dos poucos centros hospitalares públicos do Brasil a oferecer o tratamento, que já beneficiou mais de 1 mil pacientes desde 2006.

Prática de remo é recomendada na reabilitação de mulheres com câncer

Em projeto pioneiro, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP) lançou um programa que usa o remo na reabilitação das mulheres com câncer. Pacientes que passaram por cirurgia ou sessões de quimioterapia poderão iniciar um programa de treinamento com exercícios de remada, realizados no Centro de Reabilitação do ICESP e, posteriormente, ao ar livre, na Raia Olímpica de Remo da Universidade de São Paulo. Batizado de projeto “Remama”, a iniciativa é uma parceria do Instituto com a Rede de Reabilitação Lucy Montoro e com o Centro de Práticas Esportivas da USP.

O Remama visa promover a prática regular de atividade física mesmo após o término do período de reabilitação no hospital. O remo é um esporte completo, que trabalha toda a musculatura, inclusive a região peitoral, contribuindo com o ganho de massa muscular e o aumento da capacidade aeróbia.

“A prática de exercícios pode trazer inúmeros benefícios ao paciente oncológico, por melhorar a aptidão física, a autoestima e a saúde mental. O esporte contribui, ainda, para a redução de quadros dolorosos, da fadiga, dos transtornos do humor e dos distúrbios do sono, altamente prevalentes neste grupo de pacientes”, ressalta Christina Brito, coordenadora médica do Serviço de Reabilitação.

Os treinos na Raia Olímpica da USP vão iniciar no barco-escola e, ao longo das aulas, as participantes vão se preparar para pilotar outros tipos de embarcações como canoas individuais e barcos de quatro a oito remos, ao ar livre.

O câncer de mama é o tipo mais comum entre as mulheres no mundo. No ICESP, a doença corresponde a mais de 25% dos atendimentos totais, por isso a ideia é começar pelo câncer de mama, para depois chegar a outros pacientes.

Parceria entre SENAD e Faculdades de Medicina e Direito da USP realiza projeto multidisciplinar de atualização à abordagem das drogas

O projeto “Integração de Competências e Desempenho da Atividade Judiciária com Usuários e Dependentes de Drogas” reuniu profissionais das áreas de saúde e justiça para atualizar a abordagem ao usuário de drogas

A partir de uma parceria entre Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), Ministério da Justiça, e as Faculdades de Medicina e de Direito da Universidade de São Paulo (respectivamente FMUSP e FDUSP), foi desenvolvido o projeto “Integração de Competências no Desempenho da Atividade Judiciária com Usuários e Dependentes de Drogas”, viabilizado por meio de convênio entre Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e SENAD, sob interveniência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. O objetivo do projeto é promover uma análise cuidadosa da Lei 11.343/2006, tendo como foco o usuário de drogas, e garantir um novo olhar: de prevenção, cuidado, atenção, tratamento e reinserção social.

O projeto consiste de cursos, pesquisa científica, seminários e disseminação de boas práticas voltados a profissionais da Saúde e Atenção Psicossocial, do Direito e da Segurança Pública que lidam de alguma forma com usuários de drogas em todo o Brasil. Na primeira edição do curso, foram 15 mil participantes e seu sucesso levou a SENAD a ampliar o programa para mais 30 mil pessoas.

Um novo olhar sobre a questão das drogas

A nova legislação trouxe mudanças significativas quanto à forma de encarar o porte de drogas para consumo pessoal, extinguindo a decretação da prisão em flagrante por porte de drogas para consumo pessoal. O programa, portanto,

pretende analisar os aspectos e efeitos da nova Lei de Drogas para os profissionais envolvidos, sob uma perspectiva dos direitos humanos e da assistência de saúde e social, em coerência com a tendência mundial, com foco na redução de danos e não na pena de prisão.

Parceria interinstitucional

Os cursos oferecidos seguem a modalidade a distância, com uma equipe de tutores e supervisores qualificados para atender os alunos por meio da plataforma de ensino, e-mail e telefone gratuito, de segunda a sexta-feira das 8h às 20h. O conteúdo, criado em parceria pela FMUSP e FDUSP, aborda os tipos de drogas e suas ações e também a legislação. “Entre os diversos temas abordados, apresentamos, por exemplo, os tipos de drogas e quais são as interações entre a droga e a sociedade”, explica o coordenador geral do projeto, Prof. Dr. Arthur Guerra.

Segundo o Prof. Dr. Guerra, o assunto precisa ser tratado com muito cuidado, para que cada agente conheça seu papel no cenário da prevenção e do tratamento e combate ao uso prejudicial de drogas. “Em princípio, a questão das drogas é um problema de saúde pública, mas que também envolve a Justiça em todos os âmbitos. Por isso, é preciso que cada um saiba o que fazer, conhecendo bem a lei e ajudando não só na recuperação como na prevenção e na educação.”

Com um amplo material educativo, o projeto tem como meta aprimorar o modelo de abordagem aos usuários e dependentes de drogas, reconhecendo-os como pessoas que necessitam de atenção, tratamento e reinserção social, contribuindo ainda para um debate qualificado sobre o tema e disseminação de boas práticas. O projeto contou com a fundamental participação do Conselho Nacional de Justiça, por meio de sua Corregedoria Nacional.

**META 1 – CURSO A DISTÂNCIA
RESULTADOS – 1ª EDIÇÃO**

- 3 teleconferências
- 15.219 alunos
- Adesão de 86% (n = 13.103)
- Aprovação de 60% (n = 7.855)

Integração de Competências no Desempenho da Atividade Judiciária com Usuários e Dependentes de Drogas

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA
FACULDADE DE DIREITO

CNJ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

NAVIS oferece atendimento multiprofissional a vítimas de violência sexual

Uma rede de profissionais da área da saúde trabalha diariamente para dar assistência médica, psicológica e social a pessoas que sofreram violência sexual. As vítimas são crianças, adolescentes e adultos de todas as idades e nem sempre os casos são recentes

Em uma sala do Prédio dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HCFMUSP) funciona o Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (NAVIS), junto ao Ambulatório de Moléstias Infecciosas. Quem aguarda em sua sala de espera não faz ideia de que algumas daquelas pessoas – de todas as idades e gêneros – podem ter sido vítimas de violência sexual. Independentemente do problema, porém, ali todos são acolhidos com o respeito e com a seriedade que esse problema representa: para se ter ideia, a violência sexual é a quarta violação mais recorrente contra crianças e adolescentes denunciada no Disque Direitos Humanos, um serviço da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal dedicado a receber denúncias de todos os tipos de violações dos direitos humanos. Só no primeiro trimestre de 2015, o serviço recebeu 4.480 denúncias, das quais 85% são casos de abuso sexual.

O trabalho do NAVIS em geral começa no pronto-socorro ou em locais de pronto atendimento da rede pública de saúde, especialmente na Região Oeste de São Paulo. Mas também pode ter início a partir de consultas nos ambulatórios, de pessoas que chegam com queixas totalmente diferentes. A violência sexual tem uma face explícita – com lesões, fraturas, queimaduras e hematomas – mas também se esconde por trás de grandes traumas que só se revelam

depois de muito tempo, escondidos sob o manto da vergonha e da culpa.

Quando a pessoa chega com um relato recente, a partir do PS ou da rede pública, começa o acompanhamento do NAVIS, que pode durar até seis meses. É no NAVIS que os pacientes recebem os cuidados preventivos contra moléstias infecciosas, chamados tecnicamente de profilaxias pós-exposicionais (PEPs, em sua sigla em inglês), que precisam

“A principal atitude é ouvir sem preconceitos, sem jamais duvidar. Tanto os profissionais de saúde como de segurança, e também os familiares e amigos, precisam saber que tomar a decisão de revelar casos assim exige muita disposição e coragem.”
(Profa. Dra. Ivete Boulos)

ser ministradas em até 72 horas após a agressão e incluem medicamentos antirretrovirais contra doenças sexualmente transmissíveis e também contra Hepatite B. Caso a paciente seja mulher (e são, em sua maioria), a equipe, que inclui enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e médicos infectologistas, ginecologistas, proctologistas e psiquiatras, também realiza exames de gravidez e toma as medidas profiláticas necessárias para impe-

di-la, se for o caso.

Muitas vezes, porém, o caso não é recente. “Muitas pessoas não procuram ajuda porque sentem vergonha, são culpadas ou estigmatizadas pela família. Outras são ameaçadas – e constatamos que a ameaça é real. Já tivemos casos em que a mãe trouxe o filho e, ao voltar para casa, apanhou tanto que o marido achou que estivesse morta. Foi só então que ele parou”, explica a Profa. Dra. Maria Ivete Boulos, médica infectologista e coordenadora do NAVIS. Em alguns casos, a pessoa vai se tratar de outro problema e a equipe do PS, bem treinada, percebe que há algo a mais. Em outros ainda, a mãe traz um filho ou filha e acaba revelando que também sofreu abuso.

Olhos e ouvidos atentos

Para garantir o melhor acolhimento a essas vítimas, o treinamento da equipe é muito intenso e cuidadoso. “Alguns de nossos profissionais passam o tempo todo pela fila do pronto-socorro, observando as pessoas. São todos treinados para notar se há pessoas que falam baixo demais, que não conseguem olhar para a frente, entre outros sinais”, explica a médica. Até mesmo os guardas são treinados a saber ouvir e encaminhar mais rapidamente os casos de abuso e violência sexual. “Muitas vezes, é na fila que começa a abordagem e o tratamento, sempre de forma discreta e acolhedora.”

Em casos de abuso e violência sexual, escutar é a palavra-chave. “A principal atitude é ouvir sem preconceitos, sem jamais duvidar. Tanto os profissionais de saúde como de segurança, e também os

familiares e amigos, precisam saber que tomar a decisão de revelar casos assim exige muita disposição e coragem. A última coisa de que essas pessoas precisam é de um julgamento moral”, reforça a Profa. Dra. Ivete.

“Quando as pessoas nos procuram espontaneamente, vencendo às vezes anos de vergonha, não podemos dizer: ‘Não temos vagas, volte depois’. Se aquela pessoa tomou coragem, precisa saber que estamos ao lado dela. A partir do momento em que a pessoa é ouvida, ela sente que está sendo cuidada e se abre para o tratamento, que pode ajudar a reduzir e até eliminar os traumas. Falar e ser ouvido é o melhor remédio.”

Histórico familiar

Em geral, a maioria dos casos – explica a Dra. Ivete – são crônicos e não agudos. Ou seja, os abusos costumam ser constantes, e os abusadores geralmente são pais, tios, irmãos, vizinhos. “Toda violência é grave – porque inclui quebra de confiança, traumas, possibilidade de contração de doenças, gestação indesejada. Mas mais grave é o abuso dentro de casa, porque é insidioso, envolve emoções com as quais a criança não sabe lidar. Normalmente, nesse tipo de agressão não há penetração, então não existem evidências físicas. Mas a criança é manuseada, e isso também cria um trauma enraizado, que pode comprometer a saúde como um todo.”

Muitas vezes a criança começa a ser assediada ainda muito pequena, mas a partir dos 8 a 10 anos descobre que isso não é normal. É quando começa a entender a sexualidade e percebe que o que acontece com ela não acontece com os amigos ou amigas. Os exemplos são os mais diversos. “Também recebemos pessoas com sífilis, depois de 60 anos, porque a doença ficou escondida por 30 anos e era resultado de um episódio de violência que foi ocultado. A pessoa nunca teve coragem de procurar um serviço de saúde, porque ali seu corpo seria tocado. Então em algum momento os sintomas se agravam e ela vai ao oftalmologista, porque lá não precisa tirar a

roupa, e chega para nós com os níveis mais elevados da doença”, explica.

Existem casos em que a denúncia é vazia, como ocorreu certa vez, por exemplo, quando a mãe de uma adolescente, desconfiada de que a garota mantinha relações sexuais com o namorado, trouxe a menina para o serviço. Sem entender o que

se passava, a garota foi surpreendida quando a equipe lhe perguntou sobre uma possível violência. “Orientamos a mãe a nunca mais fazer isso e a entender que ela não pode interferir na vida sexual da filha”, conta a médica. Outro problema que ocorre com certa frequência é a denúncia de mãe ou pai em processo de separação, quando um acusa o outro cônjuge de abuso para obter a guarda do filho. “É o que chamamos de alienação parental. Isso cria uma situação muito difícil, que acaba envolvendo o Poder Judiciário. É algo que só faz mal para todas as partes, mas é um problema possível de ser detectado por equipes bem treinadas.”

Respeito e acolhimento, sempre

Ainda existe muito desrespeito a essas vítimas e essa também é uma luta encampada pela Profa. Dra. Ivete Boulos e sua equipe. Ela se lembra de um relato da Profa. Dra. Lília Blima Schraiber, professora da FMUSP na área de Medicina Preventiva, que na década de 1970 realizou uma pesquisa sobre violência doméstica na Zona da Mata, em Pernambuco. Um dos depoimentos que chamou



A Profa. Dra. Maria Ivete Boulos, durante apresentação no evento Universidade Aberta, da Escola de Educação Permanente (EEP), em 2015

a atenção foi o de uma mulher a quem se perguntou se teria sofrido violência doméstica. A resposta foi não. A pergunta então foi reformulada: “A senhora apalpa do seu marido?” “Sim”, respondeu a senhora. “Mas então por que disse que não sofre violência?” A mulher então respondeu: “Mas é meu marido!”

A história é trágica e esconde anos de normalização da violência. Casos semelhantes ainda fazem parte da rotina do NAVIS. É também contra isso que a equipe liderada pela Profa. Dra. Ivete trabalha, dia após dia.

Serviço

O NAVIS funciona no Prédio dos Ambulatórios do HCFMUSP e acolhe as pessoas a partir do Pronto Socorro, cujo atendimento é 24 horas. Para obter mais informações, os telefones de contato são: (11) 2661 63 97 e 2661 60 56 e o e-mail é dmip.ambulatorio@hcnet.usp.br.

Faculdade de Medicina da USP aprimora seu currículo de graduação ano a ano

Implantado em novos moldes em 2015, o novo currículo da graduação da Faculdade de Medicina da USP vai aos poucos apresentando suas novas características, conforme novas turmas avançam no programa letivo. A principal mudança proposta nesta nova abordagem foi a integração entre as disciplinas básicas e as clínicas, com a criação de sistemas integrados entre as disciplinas mais específicas ministradas na própria FMUSP e as básicas, a cargo do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), localizado no campus da USP.

“Outro aspecto é o de trazer o estudante mais cedo para a prática médica”, explica o presidente da Comissão de Graduação da FMUSP, Prof. Dr. Edmond Chada Baracat. A partir do segundo ano, o aluno já começa a participar das atividades em unidades básicas de saúde ligadas à Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de São Paulo (leia mais a respeito na matéria da página 13). “Os alunos têm contato com a atenção pri-

mária, mas o foco não é só esse: o foco é formar um profissional com conhecimentos avançados, aptos a trabalhar em qualquer área, em todos os níveis de atenção à saúde”, continua.

Além disso, foram criadas unidades curriculares integradas, organizadas em blocos de sistemas e órgãos do corpo humano, e foi reduzida a carga horária expositiva, contextualizando o conteúdo com discussão de casos desde o princípio do curso. Na avaliação das disciplinas, também foram implantadas provas internacionais, que promovam um comparativo com outras instituições de ponta.

Outra abordagem reforçada no novo currículo é a humanização do atendimento. “Por humanização entendemos o acolhimento, o respeito e a ética”, afirma o Prof. Dr. Baracat, “de modo que o aluno esteja preparado para se comunicar com toda a eficiência com os pacientes e demais profissionais da saúde”. Essas diretrizes agora fazem parte de todas as disciplinas – clínicas, cirúrgicas e do internato.

O novo currículo também prevê a necessidade cada vez mais premente da internacionalização e da troca de conhecimentos entre as várias Instituições dedicadas à pesquisa e ao ensino à saúde em várias partes do mundo. “Agora o currículo inclui um período oficial de intercâmbio nacional ou internacional, com a valorização do estágio. Já estabelecemos equivalências e parcerias com Instituições como a University of Michigan Medical School, com a Faculty of Medicine University of Toronto e com a School of Medicine: Charité, de Berlim.” Com essas escolas, já foram estabelecidos estágios que garantem a equivalência do aluno ao retornar ao Brasil, em especialidades complementares às que são ministradas durante o curso aqui.

Nesse contexto, o Hospital das Clínicas exerce papel fundamental como hospital-escola, com atendimento primário, secundário, terciário e quaternário, contribuindo para um ensino ainda mais completo e profundo.



Fachada da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP)

■ contratos e convênios

Pacientes do ICESP ganham comemoração no dia de seus aniversários

Uma das principais diretrizes do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP) é a Humanização: a preocupação com o bem-estar dos colaboradores e dos pacientes norteia diversas ações na Instituição, como oficinas, peças teatrais e contação de histórias.

Dentro dessa filosofia, em 2009 a equipe de Hospitalidade do ICESP percebeu que muitos pacientes estavam internados no hospital no dia de seus aniversários. Como essa é uma data muito emotiva, surgiu a ideia de comemorá-la. Dessa maneira, familiares e equipe multiprofissional passaram a ser convidados a participar de uma pequena festa. Para viabilizar a iniciativa, as áreas de Nutrição, Recepção, Psicologia e Enfermagem se uniram à de Hospitalidade para organizar a comemoração.

Hoje a ação foi ampliada. Todos que estiverem no Instituto no dia do aniversário serão lembrados, e não apenas os pacientes internados. “Nas unidades de internação, UTIs e Quimioterapia, a equipe leva bolo, balões e um presente, que pode ser uma toalha de rosto, um chaveiro de time, um lenço ou um brinquedo. Buscamos conhecer bem o paciente para saber do que ele vai gostar mais”, conta Marcelo Cândido, assistente social e coordenador da área de Hospitalidade.

A ação no Ambulatório é a mais inovadora. “Quando você vai imaginar que vai para uma consulta no dia de seu aniversário e ganhará um presente da equipe multiprofissional que te atende?”, completa.

Uma questão de identidade

Segundo Marcelo Cândido, com essa ação, chamada de “Happy Birthday”, os colaboradores do ICESP conseguem fazer o paciente recuperar a identidade,



Maria Aparecida foi a primeira aniversariante de 2016, comemorando 60 anos com a equipe do ICESP



Familiares e profissionais do Instituto se unem para fazer uma festa memorável

porque ele deixa de ser lembrado apenas pelo avanço ou recuo do tumor. Assim, foram comemorados muitos primeiros aniversários. “Tivemos o depoimento de um paciente que completou 58 anos e, muito emocionado, falou que aquela foi sua primeira festa de aniversário”, comenta Cândido.

Entretanto, muitos últimos aniversários também são comemorados na Instituição. “De qualquer maneira, percebemos que nesse momento os pacientes se desprendem das más notícias. Chegamos a ouvir pessoas comentando que fazia muito tempo que elas não sorriam”, afirma.

Essas ocasiões geram muita comoção. A equipe sempre se emociona bastante e os familiares também ficam super felizes com a surpresa.

Para o coordenador, as ações de Humanização são uma iniciativa importante no sentido de fazer os pacientes se sentirem acolhidos e enfrentarem melhor a situação. Ao todo, são 31 programas criados pela equipe de Hospitalidade com esse foco, visando cuidar do paciente em todas as suas esferas. “O ICESP nasceu com essa filosofia, e quando as pessoas falam daqui, elas lembram, principalmente, do carinho dos funcionários”, comenta.

■ contratos e convênios

Música: a grande aliada do processo de reabilitação no Instituto Lucy Montoro

A história da Musicoterapia no Instituto Lucy Montoro teve início em 2011, quando a Prof^a Maristela Smith, das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), propôs um projeto-piloto na área. Nessa primeira experiência, alguns alunos da graduação em Musicoterapia desenvolveram ações com os pacientes ambulatoriais da Instituição.

A iniciativa foi um sucesso. Em 2012, a Prof^a Maristela criou um setor específico para esses profissionais na reabilitação. Além de ser a coordenadora do serviço, ela assumiu os atendimentos no IMREA Vila Mariana, enquanto o musicoterapeuta Renan Barreto de Souza se tornou o responsável pelo serviço na unidade Morumbi.

“Busco trabalhar bastante a questão funcional. Isso envolve coordenação motora, manuseio dos instrumentos de acordo com as limitações dos pacientes e a área cognitiva”, conta Renan. Em seu cotidiano, procura estimular a memória, a articulação da fala, a respiração e a interação entre as pessoas. Durante a semana, acontecem oito atividades em grupo, com duração de 30 e 45 minutos, dependendo da idade do público – e todos os pacientes e cuidadores são convidados a participar.

“Com as crianças, ênfase a exploração sensorial, a exploração sonora e a percepção. Para isso, uso instrumentos de diferentes formas, materiais e pesos, estimulando questões táteis, auditivas e visuais”, revela o musicoterapeuta. A dinâmica com os adultos funciona de maneira variada: a cada encontro, Renan deixa os pacientes à vontade para dizer quais músicas eles gostariam de cantar. “No co-



A praça de convivência do IMREA Morumbi é uma das atividades mais procuradas pelos pacientes

meço eles ficam tímidos, mas depois está todo mundo cantando junto”, completa.

Os mais interessados também podem ter um acompanhamento individualizado. A equipe multiprofissional

“Como a parte do cérebro que desenvolve a linguagem é diferente da parte que assimila a arte, é comum que uma pessoa com dificuldade de se expressar através da fala consiga cantar perfeitamente.”

(Renan Barreto de Souza)

encaminha os pacientes para a Terapia Ocupacional.

“Já trabalhei a adaptação de instrumentos tanto para quem tinha o desejo de voltar a tocar quanto para pacientes que querem aprender um instrumento nessa nova etapa da vida. A adaptação já foi feita em violão, gaita, teclado e percussão. Essa prática acontece junto com a Terapia Ocupacional (TO) – quando o paciente precisa de alguma órtese faci-

litadora, são eles que desenvolvem”, explica Renan.

Timóteo Johnson, 30, está na terceira internação no Instituto e gosta muito da musicoterapia. Em 2013, teve uma parada cardiorrespiratória e perdeu o movimento das pernas e dos braços, além da capacidade de articular as palavras. Hoje, está mais autônomo e já consegue se comunicar verbalmente, mesmo que com dificuldades.

Johnson toca violão desde criança e participou de um grupo de pagode – mas seu repertório pessoal inclui rock, samba, forró e sertanejo. “Ainda penso em voltar para a música. Com certeza vou voltar – para o piano ou o violão. Sou outra pessoa graças ao Instituto”, comenta.

“O canto é usado como uma forma do paciente ampliar o vocabulário. Como a parte do cérebro que desenvolve a linguagem é diferente da parte que assimila a arte, é comum que uma pessoa com dificuldade de se expressar através da fala consiga cantar perfeitamente”, afirma.

Além dos musicoterapeutas, os pacientes do IMREA Morumbi são acompanhados por fisiatras, fisioterapeutas, enfermeiros, nutricionistas, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, psicólogos e dentistas.

Alunos da FMUSP continuam a desenvolver atividades em unidades básicas de saúde

As Diretrizes Nacionais dos cursos do campo da saúde têm incentivado as reformulações curriculares em favor da ampliação dos estágios na rede de serviços públicos, incluindo a Atenção Primária, com o intuito de formar profissionais alinhados aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Sendo assim, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) propôs expandir o seu cenário de práticas para o nível primário de atenção e integrá-lo aos níveis secundário e terciário, possibilitando a formação dos alunos dentro do sistema hierarquizado do SUS. Esta proposta culminou, no ano de 2008, na formalização de uma parceria entre a Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) por meio da celebração de um contrato para a gestão das Unidades Básicas de Saúde da microrregião Butantã-Jaguari, dando origem ao Projeto Região Oeste (PRO).

De 2008 a 2015, as Unidades Básicas de Saúde incluídas no PRO receberam alunos dos cursos de graduação em Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Psicologia, e da Residência em Medicina de Família e Comunidade da FMUSP, entre outros, e serviram de campo para a realização de atividades de ensino e pesquisa. A presença dos acadêmicos e professores nas unidades promoveu o desenvolvimento e a qualificação de múltiplas ações assistenciais voltadas à população da região oeste de São Paulo.

Ação integrada nas unidades básicas de saúde

Neste ano de encerramento do contrato de gestão entre a FFM e a SMS, existe um grande comprometimento da FMUSP em manter o processo de formação dos alunos realizadas nas Unidades Básicas de Saúde. Por esta razão, a Diretoria da FMUSP, a Comissão de Graduação, os Departamentos (Pediatría, Clínica Médica, Medicina Preventiva, Psiquiatria, Ginecologia e Obstetrícia e Moléstias Infecciosas) e os cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional unificaram esforços para assegurar não somente a continuidade, mas também o fortalecimento, melhoria e expansão do ensino em Atenção Primária.

Neste sentido, tem ocorrido importantes realizações. Entre elas, cabe destacar a manutenção do vínculo da FMUSP com a

Prefeitura de São Paulo com o intuito de reafirmar o interesse na consolidação das atividades de ensino nas Unidades Básicas de Saúde. Além disso, tem ocorrido uma aproximação com a Instituição vencedora do processo seletivo que elegeu a Organização Social que assumirá o gerenciamento e a execução dos serviços da Supervisão Técnica do Butantã, a Associação Paulista para o Desenvolvimento de Medicina (SPDM). “A FMUSP está em contato com os vencedores da licitação para que os alunos possam continuar atuando nas Unidades Básicas de Saúde em que o PRO atuava”, explica o presidente da Comissão de Graduação da FMUSP, Prof. Dr. Edmond Chada Baracat.

Outra ação de significativa relevância foi a criação de uma Subcomissão de Ensino em Atenção Primária à Saúde ligada à Comissão de Graduação da FMUSP, cujo regulamento interno foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo (13 de fevereiro de 2016), que ficará responsável pela organização das atividades de ensino e pesquisa em Atenção Primária. “O ensino de atenção primária à saúde, com o atendimento à comunidade, possibilita um contato mais estreito com a população da cidade e com a realidade do sistema público de saúde. É

uma grande oportunidade de prestar assistência e desenvolver as habilidades de humanização, ética e respeito que o curso promove”, afirma o Prof. Dr. Baracat.

Para garantir a operacionalização dos estágios e ainda promover o aprimoramento das atividades de ensino e pesquisa realizadas em campo, foi criada ainda uma estrutura técnico-administrativa composta por profissionais contratados para o ensino, que ficarão responsáveis pela organização dos estágios, articulação com os profissionais de saúde das unidades e discussão das atividades práticas realizadas pelos alunos.

A FMUSP, com mais de 100 anos de história, depois de ter consagrado a formação dos alunos nos serviços da atenção secundária (Hospital Universitário e ambulatórios do Hospital das Clínicas) e terciária (Hospital das Clínicas e Institutos da FMUSP), tem desenvolvido estratégias para alcançar a excelência também no ensino da atenção primária. “O perfil do médico formado pela FMUSP é altamente qualificado”, afirma o Prof. Dr. Baracat. “São médicos que sabem utilizar todos os recursos disponíveis, nos diferentes níveis de atenção à saúde.”



Alunos da FMUSP na UBS Vila Dalva no estágio de Atenção Primária à Saúde

■ eventos

Agenda de eventos do Centro de Convenções Rebouças**MARÇO**

- 10 a 12:** Simposium Mayo Clinic ⓘ Silvestre Eventos Especiais - (11) 5536-5175
- 14:** Curso de Avaliação e Tratamento Interdisciplinar de Dor ⓘ Tratamento Interdisciplinar de Dor da FMUSP - (11) 2661-8014
- 14:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11) 2661-6236
- 18 e 19:** 10ª Jornada de Obstetrícia e Ginecologia da FMUSP ⓘ Mallorca - Secretaria de Eventos - (11) 99266-8488
- 19:** XI Curso de Atualização em Endocrinologia na Prática Ambulatorial ⓘ Eventus Planejamento e Organização - (11) 3361-3056
- 19:** Avanços Recentes na Terapêutica Dermatológica ⓘ Divisão de Clínica Dermatológica do ICHC - FMUSP - (11) 2661-8002
- 21:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11) 2661-6236
- 28:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11)2661-6236
- 31 de Março a 02 de Abril:** Congresso de Clínica Psiquiátrica 2016 ⓘ CCM Worldwide - Medical Congresses - (51)3086-9128 - SUL

ABRIL

- 04:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11) 2661-6236
- 11:** Curso de Avaliação e Tratamento Interdisciplinar Em Dor ⓘ Tratamento Interdisciplinar de Dor da FMUSP - (11) 2661-8014
- 13 a 16:** I Jornada de Alergia e imunologia Clínica da USP ⓘ Escola de Educação Permanente - EEP - (11) 2661-7025
- 15:** 7 ISSS International Symposium - Surgery, Sleep & Breathing ⓘ instituto CEDAO - (11) 3068-9855
- 18:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11) 2661-6236
- 25:** Ciclo de Palestras - Saúde não tem Idade ⓘ Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - FMUSP - (11) 2661-6236
- 28 a 30:** 3ª SECCAPE USP - Semana da Cirurgia de Cabeça e Pescoço da USP ⓘ Stela Maris Organização de Eventos - (11) 5080-4933

Para divulgar seu curso e também o lançamento de livros, envie um e-mail para polen@poleneditorial.com.br até 60 dias antes do início da programação.

**Conheça a programação de cursos do Instituto de Psiquiatria (IPq) do HCFMUSP**

CURSO	DATA	INFORMAÇÕES
Conversando sobre dependência química e família	19/03	www.grea.org.br/grea-midia-029.php
Atualização em psiquiatria geriátrica	11 e 12/03	(11) 2046-0314/2661-6973
Desfechos negativos associados ao comportamento sexual	11/03 e 25/11	(11) 2661-6520/2661-7288
Neuropsicologia do idoso: interface cognição x emoção	30/04	(11) 2661-8011
Terapia cognitivo-comportamental focada no tratamento da dependência	de abril a julho de 2016	www.grea.org.br/grea-midia-029.php

Conheça os cursos da EEP para 2016

A Escola de Educação Permanente (EEP) do Hospital das Clínicas da FMUSP é um centro de excelência na formação de profissionais da saúde. Com ofertas de cursos presenciais e a distância, abrange especializações e cursos de curta e longa duração para técnicos, auxiliares, profissionais de enfermagem, médicos, residentes e equipes multiprofissionais.

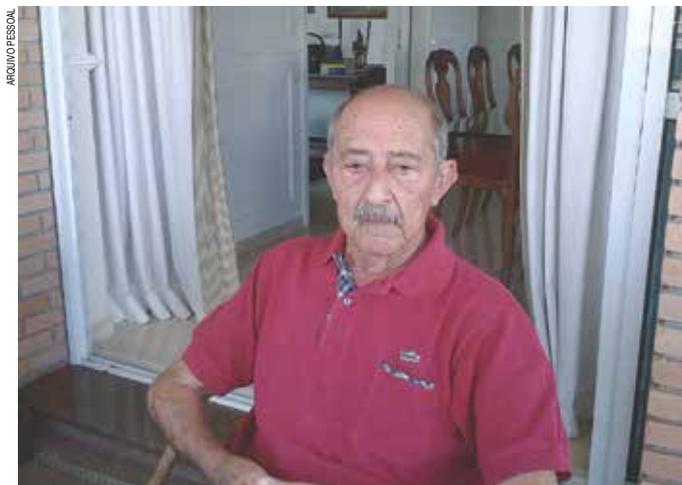
A programação completa está no site da EEP, com uma ampla gama de opções com inscrições abertas, além de programas continuados de aulas online para os quais é possível se inscrever durante o ano todo. Confira a programação completa em <http://migre.me/t7PrH>.

Carreira pautada no pioneirismo trouxe avanços à cirurgia pediátrica no Brasil

Foi bebendo na fonte de profissionais renomados de outros países, sempre em busca de novos conhecimentos, que o Prof. Dr. João Gilberto Maksoud se tornou um símbolo de pioneirismo da cirurgia pediátrica brasileira. “Quando iniciei no Brasil o transplante hepático infantil, no Instituto da Criança do HC-FMUSP, acompanhado de profissionais de excelência, procurei seguir a evolução que vinha acontecendo no mundo, e que culminou com o transplante intervivos”, conta. E reforça: “Quando me formei, nem se falava em transplante de fígado.”

Aos 78 anos de idade, acumula uma bagagem recheada de histórias de sucesso e superação, tendo encarado grandes desafios no cuidado de recém-nascidos. Entre os casos mais críticos, especializou-se em cirurgias de má-formação congênita e operou vários casos de intersexualidade. “Eu dedicava todo o meu esforço à criança, e quando ela reagia rapidamente eu ficava realizado.” Ao todo, participou de 390 transplantes.

Em 1963, em parceria com o Prof. Dr. Fábio Pileggi, o Prof. Dr. Maksoud montou um consultório particular na rua Estados Unidos. “Deu certo, pois ele era pediatra clínico e encaminhava os casos de cirurgia para mim.” Isso durou até 1978, quando construiu seu próprio consultório na Avenida São Gualter, onde atende seus pacientes até hoje. “Todos os dias eu dividia meu tempo entre o consultório e o Instituto da Criança-HC, e não tinha hora para parar de trabalhar. Fazia o que tinha de fazer e essa sempre foi minha prioridade”, revela. E aproveita para destacar que teve sorte no casamento, “pois grande parte do sucesso do médico é ter uma mulher que compreende sua ausência e dedicação à profissão”. Conta com orgulho que é pai de três filhos – um deles, Dr. João Gilberto Maksoud Filho, que seguiu sua especialidade, foi seu residente e também é da USP. Com orgulho



Dr. João Gilberto Maksoud

também faz questão de registrar que os outros dois são engenheiros.

Dedicação sem limites

“Várias vezes, fui convidado para exercer cargos burocráticos, mas sempre disse ‘não, eu quero ser médico.’” Foi professor titular da Cirurgia Pediátrica de 1984 a 2007 – quando ocorreu sua aposentadoria compulsória. Ele destaca que naquela época era difícil se ausentar da FMUSP, mas pelo menos duas vezes por ano ia para os EUA para apresentar trabalhos em congressos, e também para se reciclar, tendo participado de algumas cirurgias com especialistas americanos. Uma delas foi em Washington, onde acompanhou a reconstituição do esôfago de uma menina brasileira que foi operada pelo renomado cirurgião pediatra Judson Randolph.

Mas suas histórias não param por aí. Além de inúmeros títulos acadêmicos, premiações, artigos publicados, participações em eventos médicos no Brasil e no exterior, o Prof. Dr. Maksoud foi coordenador do livro *Cirurgia Pediátrica*, com selo da editora Revinter – uma luxuosa publicação em brochura, vendida em caixa box com dois volumes: a 1ª edição (1998) e a 2ª (2003), revisada e ampliada. “Tenho muito orgulho desse

trabalho, no qual contei com a participação de inúmeros especialistas, me debrucei com dedicação para que ficasse irretocável, e o resultado final foi muito satisfatório, com ilustrações de alto nível, tornando-se um livro de referência na área”.

De volta ao começo

Viajando no tempo, o prof. Dr. Maksoud conta que na infância, certo dia, comeu uma banana e jogou a casca no chão. “Minha mãe pisou na casca, escorregou e quebrou o braço.” Fiquei tão transtornado com o que causei, que naquele momento disse “um dia vou ser médico para consertar esse tipo de problema causado por um acidente qualquer”. E levou a sério sua promessa. Com dois irmãos estudando no Makenzie, veio a decisão de sua mãe de mudarem de Campo Grande (MS) para São Paulo. Com determinação, e sem muitos recursos, recebeu uma bolsa de cursinho, estudava 12 horas por dia, prestou vestibular e entrou em quinto lugar na USP.

Com tantos feitos e conquistas, sente-se muito prestigiado com a placa que leva seu nome no Centro Cirúrgico do ITACI – Instituto de Tratamento do Câncer Infantil – FMUSP –, uma homenagem prestada pelo atual Professor Titular de Oncologia Pediátrica, Prof. Dr. Vicente Odone Filho.

“Ter convivido com médicos e professores tão ilustres na Faculdade de Medicina foi um grande presente. De muitos deles recebi exemplos que significaram muito para minha vida”, conclui.

Projeto FMUSP2020 avalia resultados e traça metas para continuar avançando

Em 2010, ao dar início aos preparativos para a celebração de seu centenário, comemorado em 2012, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) colocou em prática um processo de reflexão sobre seus rumos para o futuro. Intitulado Projeto FMUSP2020 – Conferência de Busca do Futuro, o processo reuniu pela primeira vez pessoas de todas as áreas e hierarquias do Complexo HCFMUSP para discutir seis eixos estratégicos para o desenvolvimento da Instituição até o ano de 2020.

No próximo dia 18 de março, representantes de cada um dos seis eixos se reúnem novamente para avaliar o que já foi conquistado e renovar os pactos firmados para o futuro. “No passado, apenas os especialistas eram chamados a resolver problemas. Hoje, todos os envolvidos são chamados a resolver não só problemas isolados como sistemas inteiros – é nisso que consiste o Projeto”, explica Fátima Lisboa, da consultoria Sol Maior, encarregada de coordenar os trabalhos.

Esse primeiro encontro vai estabelecer as bases para uma série de mini-conferências sobre cada um dos eixos, que vão culminar com a Conferência Geral, a ser realizada no mês de maio. O processo prevê a participação de 20% de convidados externos, de outras culturas,

Os seis eixos temáticos do Projeto FMUSP2020

- 1) **Integração** (com todo o Sistema FMUSP-HC; aprimoramento, valorização e integração dos processos de ensino, pesquisa e extensão);
- 2) **Humanização** (do atendimento ao paciente; aprimoramento das relações humanas em todos os níveis);
- 3) **Sustentabilidade** (econômica e socioambiental; governança e gestão participativa);
- 4) **Internacionalização** (mais intercâmbio com conhecimentos do exterior; reconhecimento internacional);
- 5) **Excelência do ensino**; e
- 6) **Incorporação de novas tecnologias em ensino, pesquisa e assistência.**



segmentos e profissões, para trazer novas visões e valores ao processo, quebrando protocolos e ajudando a sair do lugar comum.

O Projeto surgiu como uma iniciativa da Diretoria da FMUSP no

sentido de envolver mais profissionais nas decisões estratégicas sobre o futuro da Instituição, permitindo que todos caminhem na mesma direção rumo ao crescimento e à inovação.

